

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Sociologia e crítica literária: Sergio Buarque de Holanda modernista

Leonardo Ayres Padilha¹

Resumo: Durante a década de 1920, Sergio Buarque de Holanda participou ativamente do movimento modernista, principalmente como avaliador crítico da produção artística daquele momento. Seus escritos revelam um tipo de reflexão peculiar sobre a literatura, colocando-a como um lugar privilegiado de discussão sobre a cultura. Este trabalho discute a importância desta trajetória intelectual do autor para a publicação de *Raízes do Brasil* (1936).

Palavras-chave: Modernismo – Literatura – Sergio Buarque de Holanda

Abstract: During the 1920's, Sergio Buarque de Holanda worked hardily as a modernist reviewer of the artistic production. His writings show a specific thought about literature as one of the best places to deal with the matter of culture. This work argues the meaning of Sergio's intellectual path for the publication of *Raízes do Brasil* (1936).

Keywords: Modernism – Literature – Sergio Buarque de Holanda

No Brasil, nos primeiros anos do século XX, houve um enorme esforço de interpretação da história nacional, e do cotidiano, como algo dotado de uma propriedade particular. Os resultados imediatos deste ímpeto não necessariamente se apresentaram como uma expressão própria daquilo a que se propôs ir à busca. Graça Aranha ou Conde Afonso Celso, por exemplo, pareciam crer numa redenção intelectual por meio de uma exposição das idiosincrasias nacionais, fossem elas produto das forças cósmicas ou de uma generosidade da natureza. A tentativa de se equacionar o problema “conteúdo particular, portanto expressão própria” apareceu poucos anos mais tarde com o modernismo edificador dos anos 20. As correntes eram várias, e possuíam tantas conotações diversas quanto havia disputas políticas. Em geral, a preocupação era semelhante: o que somos nós, além de canteiro econômico-cultural europeu? A resposta viria, entre outros modos, através da literatura.

Um das figuras que mais se destacou neste contexto foi Oswald de Andrade por fazer uma associação entre originalidade criativa e força ideológica. Ideológica no sentido de construção de idéias, não como lugar de falsas idéias. Sem dúvida, a sua poesia pretendia, naquele momento, pelo menos, brincar com o que ele achava ser a brincadeira maior: o Brasil fazer de conta ser Europa. Para isso, basta prestarmos atenção a alguns poucos versos: “A

¹ Doutorando em História Social da Cultura pela PUC-Rio. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.” (ANDRADE, 2001: 42).

Embora a proposta de Oswald não seja simples, ela se baseia numa simplicidade. A norma culta da língua tem mais a ver com a sua origem, ou seja, com Portugal do que o contexto brasileiro. A feição da cultura brasileira não poderia partir de uma contribuição alheia, correta apenas na forma; mas de uma experiência verdadeiramente nacional, mesmo que do ponto de vista estrangeiro ela significasse o conjunto “de todos os erros”.

Enquanto a crítica parecia estupefata, o autor era celebrado por alguns modernistas como o seu legítimo representante *avant la lettre* e criticado por outros como herdeiro da decadência da sociedade europeia. Plínio Salgado, por exemplo, fazia a seguinte observação sobre a poesia de Oswald: “é fragmentária como experiências”. Não se saberá ao certo, ao menos que se tome o assunto com devido zelo, o que Plínio Salgado quis exatamente dizer com esta afirmação, mas certamente deixou espaço a uma abertura para um sentido mais amplo do significado da obra de Oswald do que apenas uma reprodução brilhante da falta de referência característica dos tempos modernos. Esta avaliação, por outro lado, não seria levada adiante por Salgado, mas por um dos estuistas da obra do autor de *Serafim Ponte Grande*, Sérgio Buarque de Holanda. A interpretação sugerida aqui é a de Sérgio Buarque avalia a obra de Oswald de Andrade fora do viés “a arte imita a vida”. Para o crítico, a arte do poeta de *Pau-Brasil* torna a vida mais precisa na constatação da sua especificidade criativa mais singela.

Nos versos do próprio Oswald sobre a língua portuguesa falada no Brasil, o argumento é mais claro. O evidenciamento do deslize gramatical praticado deste lado do oceano não se desdobra numa definição do caráter brasileiro, como talvez quisessem alguns historiadores; e também não restringe a potência expressiva da cultura local, como talvez almejassem alguns militantes de uma emancipação literária futura; mas apenas amplia o universo de ação dos personagens brasileiros sem acrescentar qualquer elemento alheio às suas possibilidades cotidianas. Ao expôr os seus tipos, Oswald não caminha na direção da definição, comum às ciências sociais, bem como aos chamados “romances sociais” da época. Antes, sua obra é elucidativa no modo aparentemente disperso do qual se vale para se expressar. Sérgio Buarque de Holanda, ao lado de Prudente de Moraes, neto deixa isto bem claro quando aprecia o lançamento do *João Miramar*, de Oswald (cf. HOLANDA, 1925: 211).

Referência intelectual no meio historiográfico, Sérgio Buarque de Holanda se formou como pensador através de uma atividade sistemática de, como ele mesmo costumava

dizer, “versatilidade de preocupações”. Não obstante a complexidade a que esta afirmação nos levaria, é comum a identificação do início de sua produção escrita à crítica literária. Sérgio nunca soube explicar o porquê, talvez por isso esta atividade sempre o acompanhasse. Junto com Prudente de Moraes, neto fundou *Estética*, periódico modernista de curtíssima vida (1924-5), assim como outros, e que nos ajuda a elucidar o nosso argumento.

Para Sérgio, um dos graves problemas do pensamento moderno (tratado em *Estética*), e que nos permite concluir que constituiu um dos ensejos para o próprio modernismo, seria a “escamoteação da realidade em nome da realidade”. Ou seja, na tentativa de se explicar o mundo natural e social a partir de um discurso cada vez mais acabado e auto-referenciado, isto é, com pretensões científicas, o homem moderno esmiuçou tanto a linguagem como meio de reprodução dos processos alheios a ela a ponto de desgastá-la expressivamente. No entanto, Sérgio Buarque não propõe a substituição da história pela literatura, ou coisa do gênero. Ao contrário, suas teses caminham para uma posição em que a história surge como responsável por oferecer os necessários “choques de objetividade” à atividade do crítico. Por outro lado, não se trata de se restringir por meio de acontecimentos e registros a interpretação, mas em submeter o discurso aos seus próprios limites de inteligibilidade com o seu objeto. O interesse pela história não se confunde com o interesse pelo passado, e o interesse pela literatura não se confunde com o interesse literário.

Caracterizar uma precisão do conhecimento certamente não foi algo com que o próprio Sérgio Buarque tenha se preocupado. Suas atenções estavam voltadas para o exercício crítico da interpretação, cujos limites pareciam ser exaustivamente testados. No entanto, nossa tarefa reside justamente em perceber como que uma formação intelectual tão diversa, constituída num ambiente meio confuso, produziu uma reflexão sempre ocupada em desfazer tergiversações e vôos às cegas e que, ao mesmo tempo, rejeitava as especializações oferecidas pela conduta acadêmica.

A abundante fortuna crítica da obra de Sergio Buarque de Holanda a entende como possível de ser dividida em etapas distintas: crítica literária; ensaio interpretativo, novamente a crítica; e história propriamente dita. É claro que há sempre o cuidado de se tentar fazer uma ligação entre as “partes” ou, pelo menos, buscar alguma coerência de preocupações (cf. Dias, 1985). No entanto, as teses argumentam que o que houve foi um desenvolvimento de uma obra que teve seu produto mais bem acabado a partir dos anos 50 – período em que o autor produz algo mais próximo do que se poderia definir como conhecimento histórico – com a junção de uma sociologia compreensiva de influência alemã com uma preocupação quase sensualista com a cultura material, oriunda da antropologia norte-americana. A idéia que esta

comunicação pretende discutir implica um ponto de partida diverso: o desenvolvimento da obra do autor não parece seguir o caminho cronológico retilíneo. A fecundidade de sua interpretação reside na reflexão crítica que a “versatilidade de preocupações” impôs a ele, obrigando-o a abandonar os caminhos seguidos justamente por aqueles que tentaram definir sua obra como histórica ou sociológica. O diálogo com a obra de Weber, por exemplo, não almejou transportar o processo de desencantamento do mundo para o fenômeno social brasileiro, mas certamente lhe proporcionou uma experiência de complexificação dos níveis em que a história da colonização lusitana poderia ser compreendida. Na verdade, não há acordo nem no que diz respeito às fundações teóricas do seu pensar, o que denuncia o modo através do qual o próprio Sérgio Buarque construía a sua reflexão no diálogo com os autores, o que acaba também por determinar o sentido de sua obra: (a) rejeitava a noção de influência direta, (b) partilhava o pensamento para divergir da idéia, (c) questionava as bases conceituais para concordar apenas com o produto teórico. Talvez o exemplo mais nítido deste comportamento intelectual esteja na entrevista do autor a Richard Graham em maio de 1981, onde questiona a associação imediata de sua obra às teses weberianas (HOLANDA, 1982: 1176).

Para Sérgio Buarque, não adianta simplesmente relativizar a apropriação de idéias, protegendo-se intelectualmente dos reducionismos. A própria noção de influência, da maneira pela qual foi colocada pelo entrevistador, ou seja, como referência que permeia e norteia toda uma reflexão, não faz sentido já que todo o pensamento está atravessado por um conjunto de idéias que não necessariamente foram concebidas pelo seu próprio autor. A questão não é negar a existência de influências, mas denunciar a esterilidade do argumento que se resume a identificá-las. Todos sofrem influências, os mais diversos sistemas de pensar povoam as idéias de cada autor disposto a dar a sua contribuição. Mesmo na reflexão mais original, serão encontradas sementes estrangeiras, já elucidava Sérgio num dos seus primeiros escritos (cf. Holanda, S.B., 1996, p.36, vol.I). Entretanto, se referindo especificamente ao modernismo, a crítica é precisa: os argumentos das vanguardas européias, em si, não apresentam problemas, a não ser quando se esquece que eles se referem ao contexto europeu. Mas isto também não quer dizer que não se possa usá-los. Na verdade, eles devem ser usados como matéria que instiga o pensar, para que então se possa, uma vez aperfeiçoada a reflexão, devidamente compreender o contexto próprio de cada cultura.

Além da questão da influência direta, Sérgio Buarque permite inclusive o questionamento do que poderíamos chamar de “influência indireta”, ou como alguns preferem dizer “o que está nas entrelinhas”. Para elucidar este ponto, é necessário fazer uma pequena

reavaliação de uma idéia que já se enraizou no pensamento social brasileiro e especialmente na interpretação na obra de nosso historiador.

Há quase um lugar comum na avaliação do sentido de *Raízes do Brasil*: a presença de Max Weber. Não tenho a intenção de desfazer esta referência. Apesar do imenso conjunto de autores com os quais Sérgio dialogou em sua formação como intelectual, Weber parece ser um dos pontos mais seguros que se pode ter, e não é apenas por uma coincidência cronológica (*Raízes* começou a ser escrito quando Sérgio Buarque estava na Alemanha), mas por causa da indiscutível criatividade do autor no que diz respeito ao argumento central – se é que possível estabelecê-lo – em *Raízes do Brasil*: o estabelecimento dos “tipos ideais” *trabalho* e *aventura* para a compreensão da formação da “civilização brasileira”. Sérgio, de fato, conhecia a obra de Weber e a associação entre as formas de vida norteadas pelo trabalho ou pela aventura com os tipos ideais do sociólogo alemão são pertinentes. A questão proposta aqui não recusa a filiação, apenas pretende percebê-la através de um outro ângulo.

Embora para alguns especialistas em *Raízes do Brasil*, como Pedro Meira Monteiro por exemplo, o que está em jogo é um modo de apropriação criativa do sistema weberiano, quero chamar a atenção para a “aparente liberdade” de que o autor se vale da noção da ética capitalista para a construção do tipo do aventureiro. Ou seja, enquanto a tese de Weber sobre a ética capitalista depende de uma postura ascética que, a longo prazo, se desdobrará na figura do burguês (cf. WEBER, 2004, parte II, cap. II), no caso da formação do Brasil, à luz da mesma questão que se desenrolava no ocidente, o que há é o ocaso do tipo aventureiro. É possível reduzir a questão a uma explicação contextual, o que incluiria Sergio Buarque no *hall* dos weberianos *stricto sensu*, onde as ferramentas do sociólogo alemão funcionariam de uma maneira quase a-histórica, desconhecendo as particularidades, para, em nome do sistema maior, atribuir qualquer resultado não esperado da pesquisa às contingências de uma formação cultural específica. É claro que talvez para o próprio Weber isso se tornasse objeto de indignação, uma vez que não pareceu ser sua intenção o estabelecimento de uma causalidade entre protestantismo e capitalismo, antes, o que estava em questão é a compreensão da formação de uma racionalidade.

A liberdade de Sergio Buarque no trato com as idéias weberianas é aparente. Não está em jogo uma simples apropriação pessoal de uma sistema de pensamento, mas sim um profundo entendimento das teses da sociologia alemã que permite “manusear” as idéias na medida em que continuem a ser tratadas como idéias a serviço do entendimento do fenômeno social. Este é o pré-requisito do tipo ideal, ele é um instrumento cognitivo, ou seja, não quer encontrar o seu correspondente na realidade uma vez que isto não é possível. Assim, a postura

do autor brasileiro não pode ser entendida apenas como uma vertente profícua da sociologia alemã no pensamento brasileiro, mas se estabelecermos uma ligação entre a chamada “fase modernista” e a imediatamente posterior, tida como “ensaística interpretativa”, de Sergio Buarque, teremos uma maior possibilidade de compreender a reflexão proposta pelo autor brasileiro. A formação intelectual de Sergio Buarque, na verdade, teria incorporado sistematicamente as reflexões modernistas muito mais do que se poderia esperar, e estas não entrariam em choque com a sociologia compreensiva alemã, com que o autor teve contato ainda no fim dos anos 20; ao contrário, foi a proximidade entre estes dois contextos aparentemente tão díspares que talvez fez com que Antonio Candido percebesse um tom simmeliano em *Raízes do Brasil* (CANDIDO, 2006: 237).

Nesta perspectiva, a proposta de *Estética* era de avaliação crítica do modernismo no seu próprio fluxo, o que explica bem a própria posição de Sérgio Buarque (e de Prudente de Moraes, neto) que não eram propriamente artistas, embora fossem modernistas. Para os fundadores do periódico, o engajamento no movimento era antes uma possibilidade de sistematizar o impulso questionador e a criatividade estética dos modernistas. Apesar de toda a discussão sobre o caráter ensaístico da sua obra na década posterior e da possível relação deste tipo de produção intelectual com o “passado” modernista do escritor, é fundamental lembrar que os textos de Sergio Buarque no auge do modernismo, e mesmo os da primeira juventude, possuíam o caráter de juízo, desse modo, distanciando-se necessariamente de uma experiência estética (cf. SOUZA, 2006: 118). No entanto, mesmo que não se tenha a intenção aqui de se avaliar o caráter artístico ou não da produção de Sergio Buarque, a discussão atravessa o argumento uma vez que o autor prioriza a arte, no caso a literatura, como seu campo de atuação, embora não se veja como um crítico literário (cf. HOLANDA, 1979a). Por outro lado, não parece ser sua intenção cometer a arbitrariedade do simples uso da literatura como “fonte histórica” com o argumento de elucidar lacunas inerentes ao discurso “científico”. A questão pode ser melhor compreendida se voltarmos a ligar *Raízes do Brasil* ao contexto de formação modernista do autor.

Ao estabelecer os tipos ideais, Sergio Buarque de Holanda cria uma expectativa em relação à originalidade brasileira, ainda no sentido modernista de contribuição a um concerto universal. Desse modo, o traço original da cultura brasileira, uma vez identificado (a cordialidade, por exemplo), deveria ser valorizado. Mas como sistematizador da cultura, e não como artista, Sergio luta antes por uma compreensão daquele fenômeno em todos os seus aspectos. A elucidação dos fenômenos sociais “sofre do mesmo mal” que a análise crítica dos fenômenos artísticos: uma exaustiva interpretação dos sentidos.

A cordialidade, em *Raízes do Brasil*, não deve ser valorizada, a não ser como modo de entendimento do fenômeno cultural brasileiro. O que interessa é a perspectiva que ela confere às descrições factuais que, por si só, nada contribuiriam para a investigação proposta pelo autor. Além da caracterização da cordialidade como tipo ideal, mais um aliado na construção do argumento de Sergio Buarque é a adoção de múltiplas perspectivas, sem contudo cair num “perspectivismo”, cultivado nos tempos modernistas. Para o autor, encarar o fato literário, exigia no mínimo um amplo leque de critérios avaliativos ou em suas palavras uma “versatilidade de preocupações”. Por outro lado, o próprio contato com a literatura, devido ao seu caráter híbrido – o que de novo permite aproximação com Simmel (cf. LIMA, 2006: 349) –, permite uma complexificação dos níveis de investigação a tal ponto que muito contribui para a elucidação dos temas propostos. Em um dos seus artigos mais controversos no que diz respeito ao seu significado, Sergio Buarque escrevia: “as palavras depositaram tamanha confiança no espírito crédulo dos homens, que estes acabaram por lhes voltar as costas.” (HOLANDA, 1996, vol.I: 214). Este trecho é interpretado no contexto modernista de crítica à nação não-letrada, ou seja, a pouca importância dada à palavra escrita por um povo é diretamente proporcional a sua decadência. Este viés de sociologia da cultura é claramente expresso nas palavras do autor, no entanto, um ponto importante da fala de Sergio fica obliterado caso não caminhemos além disso. Quando se refere à “confiança” que as palavras depositaram nos homens, o autor constata a crueza com que o tema da representação artística (literária) é tratada. Ou seja, os limites da arte brasileira até aquele momento não consistiam em uma falta de objeto peculiar, mas sim na busca incessante de um tema original como justificativa de seu valor artístico. A expressividade das palavras, um intercâmbio entre forma e conteúdo tão caros à arte moderna em geral pareciam passar ao largo das preocupações dos artistas brasileiros até o início do século XX e inclusive às de alguns do próprio movimento modernista, o que o motivou a escrever outro artigo polêmico: “o lado oposto e os outros lados” (idem: 224-228).

Sergio Buarque persegue obstinadamente o sentido das palavras que escreve não por conta de uma erudição ou por almejar uma escrita estilizada. A busca do sentido, antes de tudo, quer dizer a tentativa de se encontrar um significado preciso àquilo que se deseja expressar. De modo aparentemente paradoxal, a formação do escritor se desenvolveu num contexto de amplas incertezas sobre o estatuto da ciência e mesmo da literatura, o que exigiu um criterioso sistematismo na apresentação das suas idéias e uma constante preocupação com a atualização dos conceitos empregados ao longo do tempo.

Tendo em vista o contexto teórico alemão do final do século XIX e início do XX, e preocupado com a inadequação das humanidades ao estatuto das ciências naturais, Weber perseguiu incansavelmente o objetivo de se valer da normatividade e objetividade caras à ciência no cotidiano de seu trabalho como cientista social; assim, colocou em foco a não-objetividade das humanidades. Como a adoção de um relativismo não era possível por conta do objetivo investigativo, abre-se espaço para a ampliação da própria noção de objetividade. Assim como as ciências sociais não são “ciências científicas”, a objetividade das humanidades seria diversa da sua correspondente nas ciências naturais. Desse modo, o caminho está parcialmente aberto para a inclusão no processo teórico investigativo de sistemas de significação alheios ao esquematismo científico, como, por exemplo, a literatura. Sérgio Buarque tem esta marca em *Raízes do Brasil* e, sobretudo, nos textos da sua juventude modernista e, assim, como funciona tipo ideal weberiano, o autor brasileiro – apesar de não admiti-lo diretamente – se vale da literatura como lugar maior da história da cultura, na medida em que ela supera os limites do fenômeno social para que, em contrapartida e mesmo sem a intenção de fazê-lo, possa elucidá-lo de um modo mais preciso.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, F. de A. (org.). **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

_____. (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

_____. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. In **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 5 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, pp.109-138.

_____. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In Holanda, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das letras, 2006. (Edição comemorativa dos 70 anos).

DANTAS, P. “Vida da estética e não estética da vida”. In **Estética** (1924-25). Edição Facsimilada. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974, pp.VII-XII.

DIAS, M. O. L. da S. “Sérgio Buarque de Holanda, historiador” In Sérgio Buarque de Holanda. **História**. São Paulo: Ática, 1985. (Grandes cientistas sociais).

HOLANDA, S. B. de. (1925). “Oswald de Andrade – Memórias sentimentais de João Miramar”. In **O espírito e a letra: estudos de crítica literária**. São Paulo: Companhia das letras, 1996. Vol.I.

_____. de. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979a.

_____. “O atual e o inatual em Leopold von Ranke”. In Ranke, L. **História**. São Paulo: Ática, 1979b. (Grandes cientistas sociais).

_____. Entrevista a Richard Graham. In: **Ciência e Cultura**. São Paulo, 1982, vol.34, n.9.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006. (Edição comemorativa).

_____. **O espírito e a letra: estudos de crítica literária**. São Paulo: Companhia das letras, 1996. 2 volumes.

LEONEL, M. C. de M. **A revista estética: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro**. (dissertação de mestrado). São Paulo: USP (Depto. de Letras), 1976.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

MONTEIRO, P. M. **A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1999.

MORAES, E. J. de. **A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Ed.34, 2003.

SALGADO, P. et al. **O curupira e carão**. São Paulo: Hélios, 1927.

SOUZA, R. A. De. **Iniciação aos estudos literários: objetos disciplinas, instrumentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEBER, M. **A ética protestante o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

WEGNER, R. **A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. “Um ensaio entre o passado e o futuro”. In **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, pp.335-364. (Edição comemorativa).